

SINÔNIMOS E PARASSINÔNIMOS EM CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO: DADOS DO ALiB

SINÔNIMOS E PARA-SYNONYMS IN CAPITALS OF NORTHEASTERN OF BRAZILIAN: ALiB DATA

Maria do Socorro Silva DE ARAGÃO
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal da Paraíba

Introdução

Os estudiosos da semântica, desde tempos imemoriais, têm dado destaque particular ao problema da sinonímia e a partir desses estudos, questões as mais diversas são levantadas sobre a existência ou não de sinônimos. Se eles existem, como são definidos, como funcionam, qual o seu *status*, em termos cognitivos e/ou afetivos, se eles são absolutos ou parciais, se estão limitados à denotação ou se ligados à conotação em cada contexto particular.

É a partir desses questionamentos e discussões que surge a noção de parassinônimos, quase sinônimos, sinônimos parciais e sinônimos em discurso, para designar "*termos de mesmo sentido porém onde as distribuições não são exatamente equivalentes*", no dizer de Galisson e Coste (1976:399)¹.

Nosso trabalho procurará buscar, na literatura especializada, resposta à questão: os itens lexicais dos Atlas Linguísticos constituem parassinônimos?

Como *corpus* para essa análise utilizaremos os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

1. As Unidades Lexicais e sua Significação

Embora o estudo dos sinônimos e, conseqüentemente, dos parassinônimos, esteja ligado ao significado e logo, à semântica, a abordagem primeira, básica, tem que ser do léxico, da lexicologia e da lexicografia e, posteriormente, à sintaxe da frase ou enunciado.

¹ GALISSON, Robert. / COSTE, D.(1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete, p. 399.

Ullmann (1964:298) chega a dizer que "As distinções entre sinônimos são um grande desafio ao engenho do lexicógrafo"².

Tal afirmação é confirmada por Barbosa (1998:19/20) quando diz :

Em qualquer das fases metodológicas de elaboração da macroestrutura, da microestrutura e dos processos de remissivas de uma obra lexicográfica e/ou terminológica, a aplicação das relações de significação, ou seja, das relações que se estabelecem entre o plano do conteúdo e o plano da expressão das unidades lexicais, é de fundamental importância.³

Os tipos de relações de sentido existentes entre itens lexicais são determinados pela função dessas relações. Assim, o significado é uma função das relações de significado, como diz Lyons (1974:101)⁴

Ao comentar as relações sinonímicas de sentido, Lopes (1976:255) diz que:

[...] o sentido dos elementos linguísticos é um sentido relacional e é uma consequência derivada do caráter estrutural dos signos [...]⁵

Complementa o pensamento ao afirmar que:

[...] a sino(nímia) não é, contrariamente ao que se crê, uma propriedade das palavras em si, mas é, isto sim, uma propriedade estrutural do código, ou melhor, das relações que instauram as estruturas⁶

Ao falar sobre as relações de significação dos itens lexicais Cruse (1991:1) afirma que as propriedades semânticas de um item lexical são plenamente refletidas nos aspectos das relações que mantém com contextos atuais e potenciais. Diz ele que o significado de uma palavra é constituído por suas relações contextuais. Em suas palavras:

[...] o significado de uma palavra é constituído por suas relações contextuais.⁷

Encerrando seu pensamento ao dizer que a unidade lexical é a união de uma forma lexical e um sentido único.

O mesmo autor dissertando, ainda, sobre as propriedade semânticas de um item lexical diz:

² ULLMANN, Stephen. (1964): *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 298.

³ BARBOSA, Maria Aparecida. (1998): Relações de significação nas unidades lexicais. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emília Barcellos da. 1º ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE/CNPq, p. 19/20.

⁴ LYONS, John (1974): *Semântica estrutural*. Lisboa: Presença, p. 101.

⁵ LOPES, Edward (1976): *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, p. 255.

⁶ LOPES, Edward (1976): op. cit., p. 256.

⁷ CRUSE, D. A. (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p.16.

[...] As propriedades semânticas de um item lexical são completamente refletidas em aspectos apropriados das relações que mantém com contextos atuais e potenciais.⁸

Assim, as relações e o contexto real ou potencial do item lexical é que determinarão seu conteúdo semântico.

Para Cruse (1991:86) há dois tipos básicos de relações de significação do item lexical: as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas. Diz ele que as **relações paradigmáticas** representam sistemas de escolha que o falante faz quando codifica suas mensagens, acrescentando, ainda, que:

Relações paradigmáticas, na maioria das vezes, refletem a forma infinitamente variada e contínua da realidade vivenciada é apreendida e controlada e são devidamente categorizadas, sub-categorizadas e classificadas ao longo das dimensões específicas de variação.⁹

Já as **relações sintagmáticas** servem para dar coesão à mensagem, acrescentando-lhe redundância informacional. Em suas palavras:

Aspectos sintagmáticos do significado lexical, por outro lado, servem de coesão discursiva, adicionando informações redundantes, se necessário para a mensagem e, ao mesmo tempo, controlar a contribuição semântica de elementos individuais por meio de desambiguação do discurso, por exemplo, ou pela sinalização alternativa - p.ex. figurativos - estratégias de interpretação.¹⁰

2. Sinonímia e Parassinonímia

As diferentes definições e delimitações da sinonímia partem de princípios e bases diversas, razão porque, dependendo do ponto de que se parte, essas definições ora se opõem, ora se complementam.

Para Crystal, (1988:453) a sinonímia é:

Termo usado na semântica com referência a um importante tipo de relação de sentido entre os itens lexicais: os itens lexicais que têm a mesma significação são sinônimos - estão em relação de sinonímia.¹¹

Lyons (1979:453) concorda com Crystal quando diz que a sinonímia é uma relação de sentido, mostrando que, neste caso, não é uma questão de referência. Segundo ele:

Visto que a identidade de significado - a sinonímia - é uma relação que se estabelece entre duas ou mais unidades vocabulares, é uma questão de sentido e não de referência.¹²

⁸ CRUSE, D. A. (1991): op. cit., p. 1.

⁹ CRUSE, D. A (1991): op. cit., p. 86.

¹⁰ CRUSE, D. A. (1991): op. cit., p. 86.

¹¹ CRYSTAL, David (1988): *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 453.

¹² LYONS, John (1979): *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, p. 453.

Acrescenta ele, ainda, que a “sinonímia é estabelecida entre unidades lexicais e não entre sentidos”.

Alguns autores ligam a sinonímia ora ao aspecto cognitivo, afetivo ou denotativo e outros ao conotativo. Dependendo dessas visões podem surgir controvérsias uma vez que o sentido poderia ficar à mercê de aspectos subjetivos do emissor/receptor, o que seria por demais difícil para o lexicógrafo, por exemplo, elaborar suas definições e remissões.

Ao tratar da sinonímia cognitiva Cruse (1991:270) a define como “um par de itens lexicais que tenham certas propriedades semânticas em comum”.¹³

Diz ele que são poucos os pares dos chamados sinônimos absolutos, uma vez que eles, de alguma forma, terão alguma diferença de sentido. Vejamos sua afirmação:

[...] muito poucos pares de sinônimos cognitivos são sinônimos absolutos [...] na maioria dos casos, um item lexical deve, em alguns aspectos, pelo menos, ser diferente em seu significado a partir de qualquer de seus sinônimos cognitivos.¹⁴

Ainda tratando do sinônimo absoluto Cruse (1991:277) diz que há uma grande distinção entre os dois modos de manifestação dos itens lexicais. Para ele os dois modos de manifestação dos itens lexicais são: o modo proposicional e o modo expressivo.

O **modo proposicional** depende da atitude proposicional expressa na frase na qual opera o item, ou seja, se é uma afirmação, interrogação, comando ou exclamação, por exemplo.

No **modo expressivo** o significado do item lexical não determina uma condição verdadeira, mas pode reforçar a intensidade de determinado sentido.

Assim, o significado inerente de um item lexical pode ser construído de um ou de ambos os tipos de significado. Se dois itens lexicais são sinônimos cognitivos, então, serão idênticos nos traços proposicionais, mas podem diferir nos traços expressivos.

Complementando sua visão de **sinônimo absoluto** Cruse (1991:290) diz que ele não é natural e é instável. Em suas palavras:

Sinonímia absoluta mostrou-se ser um fenômeno um pouco raro, mas que não há razão para acreditar que a sinonímia absoluta é, em certo sentido não natural, e muito provavelmente instável.¹⁵

Matthews (1997:367), ao definir sinonímia mostra que:

¹³ CRUSE, D. A. (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 270.

¹⁴ CRUSE, D. A. (1991): op. cit. p. 270-271.

¹⁵ CRUSE, D. A. (1991): op. cit., p. 290.

[...] relação entre duas unidades lexicais com um sentido compartilhado - sinônimo absoluto, se eles existem, têm significado idêntico em todos os aspectos e em todos os contextos.¹⁶

A questão, e a discussão a partir dela, é se há sinônimos e se eles são ou podem ser absolutos ou não, surgindo a partir daí a noção de parassinônimo e suas demais denominações: sinônimo parcial, quase sinônimo, sinônimo incompleto, sinônimo de discurso e pseudo-sinônimo.

A certeza que todos têm atualmente é a de que **não há sinônimos perfeitos nem absolutos**, uma vez que os sememas de dois itens lexicais não recobrem totalmente um ao outro, ou seja, os semas genéricos, específicos e virtuais não podem ser totalmente iguais. Haverá sempre, pelo menos, um sema diferente. Para Matthews (1997:178) o que existe são sinônimos parciais que:

[...] têm sentido idêntico em alguns contextos, ou idênticos apenas ao substituir um outro que não muda as condições de verdade de uma sentença¹⁷

Outro aspecto importante envolvido na discussão de sinonímia - parassinonímia, é a noção de contexto.

O contexto pode ser linguístico, mas, também, extralinguístico, como o espacial ou geográfico, o temporal, o situacional ou o técnico, por exemplo, em que a similaridade de dois itens lexicais pode ocorrer num desses e não se realizar em outros. Barbosa (1998:31) mostra que “são casos de parassinonímia as paráfrases culturais, as diferentes «visões» para o mesmo esquema conceptual, as variantes diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas”.

Cruse (1991:282-283) diz que a variação geográfica não tem muita significação para os sinônimos ou parassinônimos, mas que a variação social é de primordial importância, fato que não foi confirmado em nosso *corpus*.

Ao definir parassinonímia Xavier e Mateus (1992:288), dizem que parassinônimos são os:

[...] termos que têm o mesmo significado, mas não têm distribuições exactamente equivalentes, i.e., que não são comutáveis em todos os contextos¹⁸

Galisson e Coste (1976:399), acrescentam a isto o conceito de uso, emprego,

¹⁶ MATTEWS, Peter (1997): *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Osford: Oxford University Press, p. 367.

¹⁷ MATTEWS, Peter. (1997): op. cit., p. 368.

¹⁸ XAVIER, Maria Francisca / MATEUS, Maria Helena Mira (Orgs.) (1992): *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, v. II, p. 288.

registro e domínio da experiência, para fechar o conceito de parassinônimo:

Por vezes, o desvio distribucional não é devido à especialização em domínios da experiência diversa, mas observa-se em registros de discurso diferente.¹⁹

Finalmente, uma visão da parassinonímia em termos de relações de conjunto significante e conjunto significado nos dá Barbosa (1998:21), dizendo que ela ocorre quando:

[...] a dois ou mais elementos do conjunto significante, em relação de oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado, estes em relação de oposição transitiva.²⁰

3. Os Itens Lexicais dos Atlas Linguísticos e sua Relação de Significação

Uma das bases da Geografia Linguística é o estudo das variações diatópicas, ou geográficas, no nível do léxico. É nessas variações, como também nas fonéticas, onde se encontram as marcas delimitadoras dos falares regionais.

A afinidade de significados, como diz Pottier (1974,1987), que é encontrada na parassinonímia, pode situar o falante em diferentes subsistemas como o espacial, temporal, situacional ou de tecnicidade.

Para nosso objetivo trabalharemos em termos de contexto espacial.

3.1. Os Atlas Linguísticos Regionais do Brasil

O Brasil já possui, até o momento, dezesseis Atlas Linguísticos realizados, dos quais dez publicados. Os Atlas Linguísticos estaduais brasileiros publicados são: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba (1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (1987), o Atlas Linguístico do Paraná (1994), o Atlas Linguístico de Sergipe II (2002), o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (2004), Atlas Linguístico do Ceará, o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (2007) e o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (2002) que é o único Atlas Regional brasileiro.

Os catorze últimos Atlas elaborados, mas ainda não publicados, o Atlas Linguístico do Amazonas, tese defendida na UFRJ em 2004, o Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, dissertação defendida na UFRJ em 2006; o Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS: Um Registro das Línguas em contato na

¹⁹ GALISSON, Robert / COSTE, D. (1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete, p. 399.

²⁰ BARBOSA, Maria Aparecida. *Relações de significação nas unidades lexicais*. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emilia Barcellos da (Orgs.) (1998): ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE/CNPq, p. 21.

Fronteira do Brasil com o Paraguai, dissertação defendida na UFMS, em 2006, o Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar tese defendida na UFRJ em 2007, o Atlas Linguístico do Paraná II, tese defendida na UEL em 2007, o Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, Tese defendida na UFRJ, em 2008, o Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, dissertação defendida na UFMS, em 2009. Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, Dissertação defendida na UFPB, o Atlas Linguístico de Iguatu-CE, Dissertação defendida na UFC, o Atlas Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar, Dissertação defendida na UFC, o Atlas Linguístico de Pernambuco, Tese defendida na UFPB, Atlas Geo-sociolinguístico de Londrina-PR, Tese defendida na UEL, Atlas Linguístico de Capistrano – Ce, Dissertação defendida na UECE.

Outros treze Atlas estaduais e municipais encontram-se em fase avançada ou inicial de elaboração por grupos específicos de pesquisa geolinguística, como teses ou dissertações, como o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro, O Atlas Linguístico de São Paulo, o Atlas Linguístico do Acre, o Atlas Linguístico do Mato Grosso, o Atlas Linguístico do Espírito Santo, o Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará, o Atlas Linguístico do Maranhão, o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte, o Atlas Linguístico do Piauí, o Atlas Linguístico de Rondônia, o Atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H): Hunsrückisch, o Atlas linguístico e etnográfico da Região Oeste do Paraná, o Atlas linguístico do Oeste de São Paulo,

Nossa análise, neste trabalho, será feita com itens lexicais dos Atlas Linguísticos da Bahia, Paraíba, Sergipe e Pernambuco.

3.2. Análise de Cartas Léxicas

Para nossa análise trabalharemos com itens lexicais de algumas cartas léxicas dos campos semânticos “fenômenos atmosféricos”, “o corpo humano” e “cultura e convívio”, dos cinco Atlas brasileiros publicados.

3.2.1. Arco-íris

O conceito de **barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**, apresentou, nesses Atlas, as seguintes variações:

a) Na Bahia

Arco-íris – Arco - Arco-celeste - Arco-da-velha - Arco de velho - Arco-de-boi - Arco-da-aliança - Sete-couros - Barra-de-nuvem

b) Na Paraíba

Arco-íris - Arco-celeste - Olho-de-boi - As barras - Sub-dourada - As torres - Os véus - Os vieiras - Arco

c) Em Sergipe

Arco-íris - Arco-celeste - Arco-da-velha - Arco-de-boi - Arco-de-velho - Olho-de-boi

d) Em Pernambuco

Arco - Arco-íris – Arco celeste - Arco-da-aliança – Olho de boi – Arco-flexa – Réstia de luz –

Das dezessete variantes encontradas para a forma básica, **arco-íris**, ela foi a única a ocorrer em todas as regiões. Outras formas, como *arco-celeste*, *arco-da-velha*, *arco-da-aliança* e *arco-de-velho*, são comuns a algumas regiões, mas não a todas.

Pode-se observar, neste caso, que o sema genérico comum a quase todos os itens lexicais é a forma de *arco* como se apresentam as **barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**. Dos 40 itens encontrados, 26 têm a forma *arco*, ou seja, 65 % do total. Alguns semas específicos e os virtuais é que vão marcar as variantes léxicas de *arco-íris*.

3.2.2. Estrela Cadente

A questão referente a Estrela Cadente: **De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso?** apresentou as seguintes variações:

a) Na Bahia

Zelação - Velação - Planeta – Cometa - Estrela corredeira

b) Na Paraíba

Estrela cadente - Estrela d'alva - Planeta – Zelação - Sete estrelas - Papa-ceia – Viração – Mercúrio – Barca – Rabisca – Elevação - Estrela Mariana - Deus te abraque - Estrela se mudando

c) Em Sergipe

Zelação - Velação - Planeta – Cometa - Estrela corredeira

d) Em Pernambuco

Estrela cadente - Estrela se mudando - Estrela d'alva - Planeta – Zelação – Estrela Guia - Papa-ceia – Velação – Cruzeiro – Cometa - Revelação - Deus te guie

Num total de vinte itens lexicais que formam as variantes para **Estrela Cadente**, apenas *Planeta* é encontrado nos quatro Atlas em que se encontra esta questão. A seguir, em termos de difusão para outras regiões, vem *Cometa* e *Zelação*. As demais formas aparecem em duas ou em uma das regiões.

Vê-se, que neste caso, o sema genérico de **estrela cadente, planeta e cometa** é *astro sem luz própria*, pois mesmo *estrela cadente*, que por ser chamada de estrela deveria ser *astro luminoso*, nas definições de dicionários é «fragmento de matéria do espaço interplanetário que ao penetrar na atmosfera se aquece, tornando-se luminoso», ou seja, ele somente adquire luminosidade ao entrar na atmosfera. Do total de 42 ocorrências, 18 têm como sema genérico *astro sem luz própria*, ou 42 % do total. As demais designações são diferenciadas pelos semas específicos e virtuais, ou são, em alguns casos, variantes fonéticas, que passam a se constituir em um novo item lexical, como no caso de *velação* e *zelação*.

3.2.3. Avarento

A questão referente a **pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar**, obteve as seguintes variações:

a) Na Bahia

Avarento – Canguinho – Usurave – Sovino – Econômico – Usurento - Morto-de-fome - Morto-a-fome - Seguro - Mão-apertada - Amarrado-por-detrás - Pão-duro - Pechincheiro – Somítico - Agarrado

b) Na Paraíba

Amarrado - Unha-de-fome - Pica-fumo – Mesquinho – Sovina – Econômico – Chula - Fona – Somítico – Seguro – Fominha – Arrochado - Morto-a-fome – Usurário - Morto-de-fome - Papagaio-no-aramé – Agarrado – Enforcado – Miserável – Resina - Dominado pelo dinheiro - Amarrado que nem catarro na parede

c) Em Sergipe

Pão-duro – Somítico – Fona – Seguro – Casquinha – Canguinha - Morto-a-fome – Sovina - Usurário - Unha-de-fome

d) Em Pernambuco

Avarento - Pão-duro – Mão de vaca – Mão fechada – Seguro – Canguinho – Pirangueiro – Econômico – Amarrado – Mesquinho – Unha de fome - Morto-a-fome – Sovino – Com preguiça de gastar

Das trinta e uma variações lexicais para **avarento**, apenas *sovina* (o), *somítico*, *seguro* e *usurário*, são comuns às três regiões pesquisadas. As demais formas encontram-se distribuídas de modo irregular entre as regiões.

Neste caso o sema genérico é *não gastar dinheiro*, já os demais itens lexicais estão relacionados à forma até física como o *sovina* guarda seu dinheiro, como nos exemplos de *mão apertada*, *unha de fome*, *agarrado*, *seguro*, *arrochado*, *papagaio no arame*, *amarrado que nem catarro na parede*. Num total de 48 itens lexicais, 12 têm esse sema genérico, 25 % do total. As demais formas encontradas têm semas específicos também comuns, ligados à economia feita pelos sovinas, como, por exemplo, *econômico*, *pão-duro*, *pechinheiro*, *pica-fumo*, *fominha*, *mesquinho*, *dominado pelo dinheiro*.

As motivações semânticas de cada um dos itens lexicais encontrados não foram analisadas, uma vez que as pesquisas foram feitas há algum tempo atrás e essa não foi uma questão abordada, ou analisada.

Considerações finais

Ao nos propormos a trabalhar com as relações de significação dos itens lexicais dos Atlas Lingüísticos Regionais do Brasil, partimos do questionamento se esses itens lexicais poderiam ser considerados sinônimos ou, ao contrário, se eles poderiam ser vistos como parassinônimos.

Após a leitura de vários autores das áreas de semântica, semiótica, lexicologia e lexicografia, com diferentes visões sobre o tema, chegamos à conclusão, concordando com esses autores, de que a questão da sinonímia é uma questão de gradação e de variação quer linguística, quer extralingüística, e que não há sinônimo perfeito, uma vez que o semema de nenhum item lexical recobre totalmente o semema de outro item.

Vimos, também, que a sinonímia não pode ser vista, apenas, como dois itens lexicais que têm o mesmo significado, mas ela deve ser analisada a partir das relações de significação como funções desses itens lexicais.

Respondendo à questão inicial, se os itens lexicais dos Atlas Lingüísticos são parassinônimos, estamos seguros que sim, que cada um deles, apesar de terem os mesmos semas genéricos, seus semas específicos e virtuais recobrem realidades

geográficas regionais diferentes, que se constituem em sub-sistemas marcados pela variação diatópica, já que diastraticamente as marcas da variação social: faixa etária, sexo e nível de escolarização, têm características semelhantes ou iguais, o que contraria a visão de alguns autores da área.

Nossa conclusão é, portanto, que os itens lexicais dos Atlas Lingüísticos são parassinônimos, sinônimos imperfeitos, quase sinônimos, sinônimos de discurso, pseudo-sinônimos, ou outros nomes quaisquer que lhes sejam dados.

Referências

AGUILERA, Vanderci de A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994/1995.

_____.(Org.) **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

_____. Informações sobre outros atlas em andamento. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998, p. 197-203.

_____. As conquistas do atlas lingüístico do Brasil: um balanço no início do século XXI. In: SILVA, D. E. G. II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste. Integração lingüística, étnica e social. **Atas**. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. III, disponível no [site http://www.gelco.crucial.com.br](http://www.gelco.crucial.com.br).

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas fonético do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008. Tese (doutorado) – UFRJ.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. La situation de la géographie linguistique au Brésil. In: **Geolinguistique**, vol. III, 1987. Grenoble: Université Stendhall - Grenoble III.

_____. **Bibliografia dialetal brasileira**. João Pessoa: UFPB, 1988.

_____. Avaliação de procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, V.de A.; MOTA, J.; MILANI,G.A.L. (Orgs.). **Documentos I**. Atlas lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2004, p. 63 a 69.

_____. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, V.de A.; MOTA, J.; MILANI,G.A.L. (Orgs.). **Documentos I**. Atlas lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2004, p.105 a 124.

_____.Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA, J.;CARDOSO,S.A.M. (Orgs.). **Documento II**. Atlas lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 35 a 66.

_____. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrição. In: MOTA, J.;CARDOSO,S.A.M. (Orgs.). **Documento II**. Atlas lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p.147 a 158.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de e MENEZES, Cleusa P.B. **Atlas lingüístico da**

Paraíba: cartas léxicas e fonéticas. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

_____. **Atlas linguístico da Paraíba**: análise das formas e estruturas linguísticas encontradas. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

_____; PEREIRA, M. das Neves. Atlas linguístico do Rio Grande do Norte: um projeto em desenvolvimento. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: UEL, 2005, p.285 - 297.

BARBOSA, Maria Aparecida. Relações de significação nas unidades lexicais. In: CARVALHO, Nelly Medeiros; SILVA, Maria Emília Barcellos da.(Orgs.): ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMOLOGIA DA ANPOLL – 1º. **Anais**. Recife: UFPE/CNPq, (1998), p. 19/20.

BENSE, Max; WALTHER, Elisabeth. **La semiótica** - guía alfabética. Barcelona: Anagrama, (1975).

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BREKLE, Herbert E. **Sémantique**. Paris: Armand Colin, (1974).

CARDOSO, S.A. M.A geolinguística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. **Boletim da ABRALIN**, 23. Florianópolis, 1999, p. 18-34.

_____. **Atlas linguístico do Brasil - ALiB** - Projeto. Salvador: UFBA, 1998.

_____. La dialectologie au Brésil - Aperçue historique et bilan actuel. **Geolinguistique** Hors série n° 2. La géolinguistique en Amérique latine. Grenoble: Université Stendhal, Centre de Dialectologie, 2001-2002, p. 197-229.

_____. **Atlas linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

_____. Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil. **Estudos: Linguísticos e Literários**, 5, 1986:47-59.

_____. Os caminhos da diatopia no Brasil. Mesa-Redonda: Os estudos da variação no Brasil: situação atual. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, VII, **Anais**. V. 2 - Linguística, Goiânia, 1993, p. 876 a 881.

_____. No caminho de áreas dialetais brasileiras: [tS] no decurso it. In: BOLETIM ABRALIN, nº 14, julho 1993, p. 301 a 312.

_____. A língua do Nordeste (re) vivida cinquenta anos depois. In BOLETIM ABRALIN, nº 15 - conferência, Julho de 1994, p. 39 a 50.

_____. Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil. In CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. **Atas**. Salvador: UFBA/ABRALIN, 1996, p. 181 a 186.

_____. Perspectivas da pesquisa sobre diversidade linguística no Brasil. In: BOLETIM ABRALIN, edição 21 - junho de 1997. **Atas do CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN - I**.

_____. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **DELTA**, vol. 15, nº Especial, 1999, p. 233 -255.

_____. Dialectologia: Trilhas seguidas, caminhos a percorrer. **DELTA**, 17,nº Especial, 2001:25-44.

- _____. Perspectivas para a dialectologia no Brasil. In: CARDOSO, S.A. M. (Org.) **Diversidade linguística e ensino**. 2ª ed. Salvador: UFBA, 2004, p. 105-112.
- _____. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. In: **Revista do GELNE**, v. 5, nºs 1 e 2. João Pessoa: Idéia, 2003, p. 185-192.
- _____. O Atlas linguístico do Brasil: o projeto e sua metodologia. CONGRESSO NACIONAL DA ABRLIN – II . **Anais**. Florianópolis: ABRALIN, 2000, p. 1824-1829. CD rom.
- _____. O atlas linguístico do Brasil: uma questão política. Disponível em: <http://www.ufpa.br/razky/suzana.txt>
- CARUSO, Pedro. Amostra de um inquérito linguístico prévio para o estado de São Paulo. In: **Alfa** 26: 69-77, São Paulo, 1982.
- _____. **Atlas linguístico do estado de São Paulo**: questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.
- CRUSE, D. A. **Lexical semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CRUZ, M. L. C. **Atlas linguístico do Amazonas**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, (1988).
- CUBA, Marígia Antônio. **Atlas linguístico da Mesorregião sudeste de Mato Grosso**. Campo Grande, 2009. Dissertação (mestrado) – UFMS.
- FERREIRA, Carlota da S. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Carlota da S.; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: UFBA, 1988.
- FERREIRA, Carlota da S. Geografia linguística no Brasil. **DELTA**, 11, nº 2:255-277.
- _____. Um panorama da dialectologia no Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, 14. nº Especial, dezembro de 1995. Lisboa: p. 91-105.
- GALISSION, Robert ; COSTE, D. **Dictionnaire de didactique des langues**. Paris: Hachete, (1976).
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, (1973).
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, (1985).
- KOCH, W.; KLASSMANN, M.S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.) **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. Porto Alegre / Florianópolis / Curitiba: Ed.UFRGS/Ed.UFSC/Ed.UFPR, 2002. v. 1 e 2.
- LEDENT, Roger. **Comprendre la sémantique**. Verviers: Marabout Université, (1974).
- LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (mestrado) – UFRJ.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, (1976).
- LYONS, John. **Semântica estrutural**. Lisboa: Presença, (1974).

- _____. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, (1979).
- _____. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, (1988).
- MATTHEWA, Peter. **The concise Oxford dictionary of linguistics**. Oxford: Oxford University Press, (1997).
- MOTA, J.; CARDOSO, S.A.M. (Orgs.). **Documento II**. Atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 67-94.
- _____. Dialectologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil. **Revista da ANPOLL**, n. 8, jan/jun. 2000, p. 41-57.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de. (Org.). **Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS**. Campo Grande: UFMS, 2007.
- PEREIRA, M. das Neves. **Atlas geolinguístico do litoral potiguar**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado) – UFRJ.
- POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, (1974).
- _____. **Théorie et analyse em linguistique**. Paris: Hachette, (1987).
- RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-linguístico do Pará: Uma abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. DE A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998, p. 155-164.
- _____. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. In: (Org.). **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gráfica, 2003, p.173-183.
- _____. (Org.) **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: UFPA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.
- REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas linguístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. Três Lagoas, 2006. Dissertação (mestrado) – UFMS.
- RIBEIRO, José; Mário Roberto L. Zágari ; José Passini ; Antonio Pereira Gaio. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- TODOROV, Tzvetan ET al. **Semiologia e linguística**. Petrópolis: Vozes, (1972).
- THUN, H. et al. El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. *Iberoromânica*, 3. Tübingen, 26-62, 1989.
- ULMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1964).
- XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena Mira (Orgs.) (1992): **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Cosmos, v. II.